

PROGRAMA
DE FORMAÇÃO
E **DEFORMAÇÃO**

INSTITUCIONAL

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage faz um esforço coletivo em criar espaços de oportunidade para a produção artística atual distendendo campos, territórios e limites desde seus cursos permanentes, até seus programas educativos que implicam as ações com a comunidade que frequenta o parque nos finais de semana, escolas do entorno, exposições e eventos, seminários e palestras, programas educativos e de acessibilidade, além de projetos especiais como o formação/deformação. Trata-se de um espaço em constante aprimoramento que inclui a formação presencial e, agora, a escola digital, além dos intercâmbios e parcerias culturais nacionais e internacionais.

Os programas educativos de formação implementados pelo Parque Lage, ao longo de décadas, são diversos e têm como base a formação, produção e apresentação de obras de artistas em formação e/ou início de carreira.

Este catálogo, também um portfólio coletivo, foi imaginado pela curadora Adriana Nakamuta como um instrumento de tornar público e ampliar a divulgação das exposições do projeto formação / deformação. Apresentamos os jovens artistas que participaram, compartilhando as imagens das obras que compuseram as exposições e de suas biografias.

DO MEU LUGAR FAÇO *MOVIMENTO*

Andy Villela
BÉATRICE
Elis Pinto
Fava da Silva
Gizele Lima
Joelington Rios
Ju Morais

Jardes
Lohana Montelo
Lucas Ururah
Melissa de Oliveira
Paulo Vinicius
Samuel Pires
Thadeu Dias

DO MEU LUGAR FAÇO MOVIMENTO

Curadoria

Adriana Nakamuta

Artistas

Andy Villela	Jardes
BÉATRICE	Lohana Montelo
Elis Pinto	Lucas Ururah
Fava da Silva	Melissa de Oliveira
Gizele Lima	Paulo Vinicius
Joelington Rios	Samuel Pires
Ju Moraes	Thadeu Dias

PROGRAMA FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO 2022

Coordenação pedagógica

Adriana Nakamuta

Assistência de coordenação pedagógica

Izah Santos

DO MEU LUGAR FAÇO MOVIMENTO

A exposição que abre o mês de dezembro de 2022 é fruto de um processo, por vezes experimental, de provocar reflexões e promover práticas, a partir da recepção de dezoito artistas de diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro. Refiro-me a artistas de diversos territórios da cidade e do estado do Rio de Janeiro, residentes no Centro, em Brás de Pina, na Vila Kennedy, no Rio Comprido, em Vila Isabel, na Maré, no Morro do Dendê, no Complexo da Pedreira, em Cachambi, na Pavuna, em Copacabana, na Ilha do Fundão, em São João de Meriti, em Nova Iguaçu, em Duque de Caxias, em Cabo Frio, em Sepetiba, em Maricá, em Nova Friburgo, em São Gonçalo e em Queimados.

Andy Villela, BÉATRICE, Caio Luiz, Elis Pinto, Fava da Silva, Gizele Lima, Joelington Rios, Ju Moraes, Lohana Montelo, Lucas Ururah, Mariana Freitas, Melissa de Oliveira, Paulo Vinicius, Samuel Pires, Siwaju Lima, Thadeu Dias, Jardes e viniciux da silva, integraram-se à EAV por intermédio do Programa Formação Deformação para vivências práticas e teórico-conceitual no campo da arte e da cultura. Ao mesmo tempo, esses artistas também trouxeram para o cotidiano da Escola questões que atravessam as suas biografias artísticas e, especialmente, suas existências enquanto sujeitos críticos e criativos. Para além de um projeto expográfico e de conclusão do Programa Formação Deformação no ano de 2022, o que se apresenta aqui é fruto de um esforço coletivo, provocado pela curadoria, de produzir narrativas a partir do território que eles ocupam, contribuindo para a contínua construção do conceito de

lugar tão presente na arte contemporânea e fundamental para a Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Múltiplas linguagens, materializadas em obras visuais, que aqui apresentamos trazem à tona uma pergunta crucial que colabora frontalmente com a visita à essa exposição e ao propósito que ela carrega: em que medida o atravessamento desses corpos e territórios, repletos de diversidade e identidade, história e memória, lutas e conquistas, ideias e questionamentos, podem contribuir para a ressignificação do conceito de Escola e do seu lugar na produção artística contemporânea?

Certa de que essas provocações nos mobilizam reflexões importantes, particularmente pelas dezenas de territórios cariocas que são atravessados pela arte contemporânea, convidamos a uma visita que não passe apenas pela apreciação das obras, mas sim, que seja um grande movimento de conhecer, reconhecer e divulgar essas respeitáveis biografias de vida e de arte.



Andy Villela

(RIO DE JANEIRO, 1994)

Andy Villela, 1994, Rio de Janeiro. A artista utiliza em primeira instância a pintura como eixo dorsal de sua produção. Influenciada pelo abstracionismo comunica-se através de símbolos do inconsciente, cedendo espaço para estímulos distintos onde cores, formas e caminhos dão significados às obras através do próprio processo de elaboração. Propondo protagonismo ao processo gestual, desbrava sentidos entre suas emoções que se instalam, e é nesta camada que se desvela o quê de poético em suas obras: uma pintura livre da dependência da figura, mas que abarca o processo subjetivo desencadeado pelas múltiplas relações estabelecidas com a tela.

“Me debruçando sobre os textos de Milton Santos compreendi outras perspectivas sobre territorialidade, além do próprio espaço geográfico e arquitetônico das cidades. Todo território se estabelece em duas ou mais formas, socialmente e materialmente. A teoria da tecno e psico-esfera me auxiliou na produção das obras apresentadas, provocando, promovendo e instituindo signos para atender as dinâmicas no caráter processual das obras. Optei por explorar as festas populares brasileiras, onde tais expressões culturais trazem consigo um apelo visual e conceitual muito rico e diverso possibilitando um leque de morfologias para investigar na pintura.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Em nossas terras continentais a cartomante abre o baralho, 2022

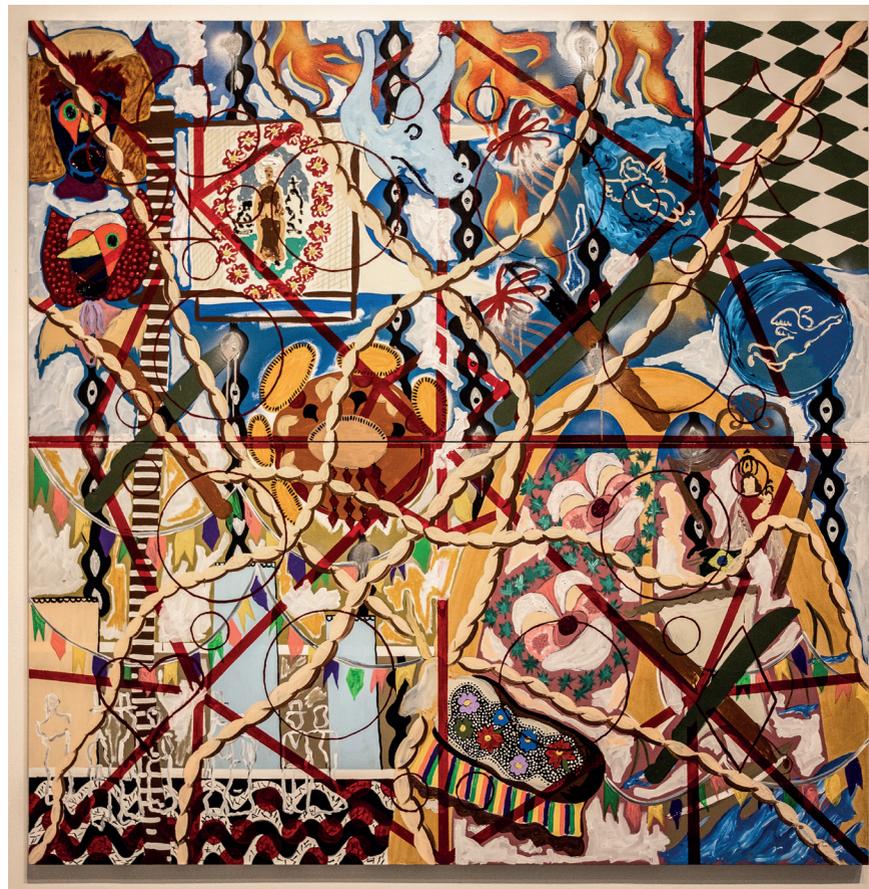
Acrílica, pastel oleoso, carvão e spray sobre tela
200cm x 200cm

Organologia, 2022

Acrílica, couro sintético, linha de nylon e spray sobre tela
200cm x 100cm

Em nossas terras continentais a cartomante abre o baralho, 2022

Acrílica, pastel oleoso, carvão e spray sobre tela
200cm x 200cm



BÉATRICE

(SÃO JOÃO DE MERITI, 1997)

Artista jovem oriunda da Baixada Fluminense do município de São João de Meriti

“Artista que pinta figurativo sobre território corporal, lesbianidade e manifesta em suas obras o deboche por feminilidade. Usa tinta óleo mas já trabalhou com acrílica; gosta de pintar em grandes telas.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Blasé, 2022

Acrílica sobre tela
130cm x 160cm

Miss Solidão, 2022

Acrílica sobre tela
150cm x 120cm

Blasé, 2022

Acrílica sobre tela
130cm x 160cm

Miss Solidão, 2022

Acrílica sobre tela
150cm x 120cm



ELIS PINTO

(DUQUE DE CAXIAS, 1982)

ELIS PINTO é bióloga. Participou de oficinas e iniciou na EAV em 2010, onde foi monitora de cursos de pintura, gravura e fotografia expandida. Primeira exposição individual- 2013- série: Elas Também Matam-“Extraordinárias: olhares femininos fora da ordem”- SESC Duque de Caxias e São João de Meriti- 2014, 2015. Participou da coletiva ‘Metrópole Transcultural’- Galpão de artes Bela Maré- curadoria- Ronald Duarte- 2019 e exposição “Caminhos de Ogum”- SESC Madureira, curadoria- Thiago Ortiz- 2019. Tem contos publicados pela editora Malê. Exposição Vozes Femininas- 2022. Tem online através da Lei Aldir Blanc- 2020 e 2021.

“Em sua pesquisa e produção busca representar o feminino, invocando ancestralidades tendo como suporte além da pintura, a videoarte, videoperformance e também a literatura negra, a partir de leituras, objetos encontrados, garimpados ou que a encontraram nos percursos, reinventando memórias e estética a partir de tais imagens.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Série “O que minhas ancestrais me dizem”

Marajoara, 2020
Acrílica sobre tela
141cm x 91cm

Diana do Novo Mundo, 2022
Acrílica sobre tela
150cm x 120cm

Daomina, 2020
Acrílica sobre tela
141cm x 91cm

Série “O que minhas ancestrais me dizem”, 2020
Acrílica sobre tela



FAVA DA SILVA

(RIO DE JANEIRO, 1977)

Fava da Silva é carioca da Favela da Maré, vive e trabalha entre Cabo Frio e Rio de Janeiro. Estudou Artes no Parque Lage, além do bacharelado e mestrado na área de cinema. Participou de exposições individuais e coletivas na Galeria A Gentil Carioca, Galeria Ibeu, Galeria Camarones e Lanzallamas (Buenos Aires), na Galeria NYC (NY), na Casa Azeitona (BH), no Centro Cultural dos Correios, Greenpoint Gallery (NY), entre outros. Em 2018 foi contemplada no edital municipal de incentivo à cultura de BH com um prêmio para realização de residências artísticas em Lisboa e Buenos Aires. Viveu em Madrid, Nova Iorque e Buenos Aires

"Em sua produção poética, Fava explora imagens que povoam suas memórias e imaginário relacionadas à sua infância, ao contexto social e político brasileiro e sua trajetória enquanto mulher e artista. Para exposição no Parque Lage a artista apresenta a pintura-instalação "Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar" e a fotoperformance "Porta retrato da viagem com Helena", ambos desenvolvidos durante o curso de Formação e Deformação da escola. A metalinguagem assume protagonismo nesses trabalhos, com a representação constante da mulher pintora, num movimento de ocupação desse espaço historicamente negado a mulheres."

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

"Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar", 2020

Óleo e acrílica sobre madeira e Vídeo da performance "Demarcação: Horácio Inchausti"
165cm x 280cm

Porta retrato da viagem com Helena, 2022

Fotografia e acrílica sobre vidro
80cm x 160 cm
Fotografia: Gizele Lima

"Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar", 2020

Óleo e acrílica sobre madeira e Vídeo da performance "Demarcação: Horácio Inchausti"
165cm x 280cm



GIZELE LIMA

(BELÉM, 1980)

Gizele Lima é paraense, mas mora no Rio de Janeiro há 17 anos. Em seu trabalho explora imagens que buscam questionar os papéis sociais enquanto mulher, mãe, militar e artista. Estudou em instituições como Ateliê da Imagem Espaço Cultural, A CASA Foto Arte, e foi integrante do Programa de Formação e Deformação do Parque Lage 2022. Participou de exposições coletivas como Eixo Arte (2022), Auto Focus. A Portrait of the self (2022) em Roma – Itália, Icon galeria, Paraty em Foco (2022) e FotoRio (2022), entre outros. Teve seu trabalho em algumas publicações como Anuário 2022 da FEEM - Espanha e o Livro de Fotografia Híbrida de Danny Bittencourt.

“O trabalho apresentado na Exposição “Do meu lugar faço movimento”, fruto do encerramento do Programa Formação e Deformação da EAV, é uma instalação, que tem como base a fotografia impressa em voal, se relacionando com um objeto do cotidiano. Esse trabalho é um desdobramento da pesquisa que venho desenvolvendo há alguns anos na fotografia, através de autorretratos, e agora tomando uma forma mais concreta conversando com outros elementos, como um corpo poético e político.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Silêncio quase escondido, 2020

Instalação. Impressão em tecido mousseline e cadeira

Silêncio quase escondido, 2020

Instalação. Impressão em tecido mousseline e cadeira



JARDES

(RIO DE JANEIRO, 1999)

Artista carioca, morador da favela de Vila Kennedy, na zona oeste do Rio, e educado pela rede pública de ensino. Boa parte da minha formação como artista se deu de maneira autodidata e transdisciplinar, combinando referências do cinema, música, animes, literatura, e as artes visuais. Graduando no curso de artes visuais – escultura, na EBA (UFRJ), militante da UJC (União da Juventude Comunista) e bolsista PIBIC no projeto Transmissibilidades contemporâneas: arte, pedagogias e tecnologia (2020). No ano de 2022, participei de exposições em espaços independentes como: Galeria Refresco, Casa da Escada Colorida e Fábrica Bhering.

“Partindo de uma investigação da visualidade estruturante dos grafismos infantis, atravessado pela experiência de morar em Vila Kennedy, busco pensar a infância como potência de radicalidade do pensamento, visando - nos termos de Denise Ferreira da Silva - “identificar e dissolver as operações da separabilidade na delimitação da posição do sujeito transparente”. Procuo traçar estratégias e modos de habitar os espaços institucionais. Em minha obra “Persona non grata”, abordo o impacto que o ingresso no programa de deformação da EAV teve em minha prática, bem como minha postura furtiva nessa relação conflituosa.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

“Persona non grata”, 2022

12 cartões postais

13x18cm

“Persona non grata”, 2022

12 cartões postais

13x18cm



JOELINGTON RIOS

(TURIAÇU, 1997)

Nascido no quilombo Jamary dos Pretos, em Turiaçu/ MA, 1997, Joelington Rios é quilombola e artista visual. Atualmente, ele trabalha e mora entre o seu Quilombo no norte do Maranhão e no norte do Rio de Janeiro, onde desenvolve pesquisas no campo das artes visuais. Rios combina diferentes técnicas e práticas artísticas, misturando fotografia, vídeo arte, performance, arte sonora, escultura e instalações. Sua pesquisa tem como objetivo revelar outras corporalidades, criar significado, ressignificar memórias e elaborar outras formas de existência.

“Meu trabalho tem uma visão crítica de questões sociais, políticas, culturais e sagradas que perpassam meu corpo, minha história e subjetividades. Muitas vezes referenciando a minha história enquanto um artista Quilombola, meu trabalho tem como objetivo revelar outras corporalidades, criar significado, ressignificar memórias e elaborar outras formas de existência. Meu trabalho reproduz sinais visuais, auditivos e sensoriais que passam pelas minhas vivências, organizando-os em instalações, fotografia, audiovisual, colagens e escritas.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Ámina, Entre Rios e Mocambos, 2022

Cabaças, tecido, aço, miçangas, vidro, escamas, terra, água e ferro
Dimensões variáveis

Ámina, Entre Rios e Mocambos, 2022

Cabaças, tecido, aço, miçangas, vidro, escamas, terra, água e ferro
Dimensões variáveis



JU MORAIS

(MARICÁ, 1986)

Ju Moraes, 1986, vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Maricá - RJ. É artista visual, costureira e figurinista. Estudou Indumentária na UFRJ, Design de Moda no Senai Cetiqt e é mestre em Linguagens Visuais pelo PPGAV - UFRJ. Participou de exposições no Museu da República, Paço Imperial e Centro Cultural Municipal Hélio Oiticica, além de residências artísticas como a da FAAP.

“Nasceu e cresceu no meio de máquinas de costura sendo a 5ª geração da família a aprender o ofício. Com essa vivência fez da prática não só um fazer manual, como também dispositivo de pensamento conceitual criando em seus trabalhos um novo vocabulário para ela. Costura tempo, memória, e afeto. Usa peças antigas como artefatos mágicos que carregam a carga cultural de costumes, vestígio do tempo, traços do seu uso e sentimentos. Alinhava reflexões sobre a casa, a lembrança, o corpo e o gesto. Entende e pesquisa o doméstico como político e manifestação de vivências/sobrevivências.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Série "Costuração"

Tecer | Esfarinhar | Granular, 2022

Suporte de peneira, crochê de arame, vergalhão, madeira, bordado de pedras, miçangas tradicionais, miçangas de madeira e piçarra.
Dimensões variáveis

Tecer | Esfarinhar | Granular, 2022

Suporte de peneira, crochê de arame, vergalhão, madeira, bordado de pedras, miçangas tradicionais, miçangas de madeira e piçarra.
Dimensões variáveis



LUCAS URURAH

(RIO DE JANEIRO, 1988)

Lucas Ururah (1988). É artista multimídia, nascido em Sepetiba, extremo oeste do Rio de Janeiro, neto de fabricante de barcos e artesão local, apropria-se de suas vivências territoriais como fonte de pesquisa e espaço de incidência mergulhando e bebendo de fontes cosmológicas da cultura indígena, e afro Brasileiras para entender e expressar a sua religiosidade através da arte. Utiliza se da poesia e da palavra, como corpo e construção gráfica, para criar uma abstração rítmica e pictórica, recorrendo às formas elementares e simbólicas para manifestar sua ancestralidade, subjetividade e vivências de um artista periférico

"Mergulha na Própria História" É uma uma instalação multimídia, que possui uma série de trabalhos iniciados em 2022 pelo artista Lucas Ururah, que parte de sua pesquisa como artista visual, documentarista e morador do bairro de Sepetiba, extremo oeste do Rio de Janeiro. A 7 anos o artista registra em vídeo, áudios e fotografias sobre a cultura tradicional caiçara dos arredores da Baía de Sepetiba. Situado em um bairro periférico, que possui 40.000 habitantes, o artista traz em suas pinturas uma espécie de documentário pictórico de 8 telas formando um políptico, carregado de informações, memórias e histórias individuais em cada obra."

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Série *Mergulha na própria história*

Rede de pensamentos, 2022

Dia 2 de fevereiro, 2022

Mergulha, 2022

Marisco R\$ 10,00 o quilo, 2022

Chama a maré, 2022

Visão de cria, 2022

Acrílica e giz pastel oleoso

Políptico

40cm x 40cm

Série *Mergulha na própria história*, 2022

Acrílica e giz pastel oleoso

Políptico

40cm x 40cm



MELISSA DE OLIVEIRA

(RIO DE JANEIRO, 2000)

Cria do Morro do Dendê, zona norte do Rio de Janeiro, 2000, Melissa é fotógrafa e artista visual. Iniciou na fotografia em 2019 documentando o cotidiano da comunidade, série que continua sendo desenvolvida. Tem formação técnica em fotografia pela Spectaculu - Escola de Arte e Tecnologia. Participou das coletivas 'Escrito no Corpo' / 'Engraved into the Body' na Carpintaria (RJ) e Tanya Bonakdar (NY), 'Crônicas Cariocas' no Museu de Arte do Rio, 'Fire Figure Fantasy' no ICA Miami e a 'A Palavra: Prosa' / 'A Palavra: Verso' na Nonada. Tem publicações na Elle Brasil, Vogue Brasil e revista ZUM do Instituto Moreira Salles.

"O projeto '244' é parte da documentação cotidiana e sociológica da vivência no Morro do Dendê, e aborda os eventos de grau e corte. São reuniões organizadas pelos moradores e que tomam forma como exibição de performance e manobras com motos. Apesar de ser considerado crime pelo Art. 244 do Código Brasileiro de Trânsito e subversivo pela sociedade, é reivindicado como esporte e diversão na favela e faz parte da arte subcultural da juventude periférica. Na pesquisa para o Deformação, me aprofundo no tema para discutir questões como exibicionismo, sexualidade e como o evento é antes de tudo mecanismo de afirmação cultural.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Série **Projeto 244**

Sem título, 244, 2022
Fotografia

Sem título, 244, 2022
Fotografia

Série **Projeto 244**

Sem título, 244, 2022
Fotografia



PAULO VINÍCIUS

(RIO DE JANEIRO, 1995)

Velho de zona norte e fruto da extensão do poder paralelo encharcando o sistema. Lançando aos olhos imagens pela nova geração. O complexo da Pedreira tá navegando em novos mares. Os que cuidam da gente. Amor puro é difícil. Muito mais que pela grana, ainda viajando na liberdade. Com ela do lado sentindo o vento na cara. O amor puro existe. Tamo junto para todo o sempre filha. Estamos prestes a fazer uma nova imagem, a pedra foi lançada.

“Todos nois samos filhos de Deus” tem sua forma numa perto da pipipopo, lá no Maisum. A gente tava é surfou nessa onda de fazer umas cena. O Estado conhece a desigualdade, o governo, todo mundo, então algo precisa ser feito. Que os nossos deuses nos ajude a abrir espaços maiores e fartos. A estética marrom é onde quero pincelar um pouco de requinte. Na função da memória e pela criação cara. Não tem pra pra fugir. Dar o do bom e do melhor pras nossas filhas. Mexendo no jogo escrevendo imagens.

Agradecer o espaço, os que fortaleceu e dizer que mantemos, cada vez mais refinado, melhor e mais rara. Dos mesmos tamanhos numa nova imagem.

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Todos nois samos filhos de Deus, 2022

10 Fotografias

45cm x 90 cm

Todos nois samos filhos de Deus, 2022

10 Fotografias

45cm x 90 cm



SAMUEL PIRES

(SÃO JOÃO DEL REI, 1992)

Artista urbano, iniciei com o Graffiti a partir de 2010 e com os anos vim experimentando as mais diversas técnicas que formam a Arte Urbana, como: adesivos, esculturas, lambe lambe e stencil. Continuo com o processo de criação na rua, mas atualmente crio formas de pensar questões entre a galeria e o urbano e relacioná-los. Pensar em suportes, técnicas, conceitos que se destacam nos centros urbanos e no subúrbio do Rio de Janeiro e criar trabalhos que sejam expostos em ambientes fechados, ou que se adequem aos dois ambientes, tanto na rua quanto no cubo branco.

“Trabalhar com Arte Urbana sempre me fez pensar nas questões que envolvem o poder de estar colocando uma imagem em uma determinada parede, por questões que podem estar visíveis aos olhos ou não. O acontecimento do dia 15 de dezembro de 2022, transformaram alguns conceitos do trabalho, pelo menos para mim como Artista urbano. Com isso deixo uma frase que me percorreu ao longo desse tempo de exposição: ‘Ao cair da noite na rua, a luz refletida na lua ou a luz dos postes, competem para iluminar meu trabalho.’”

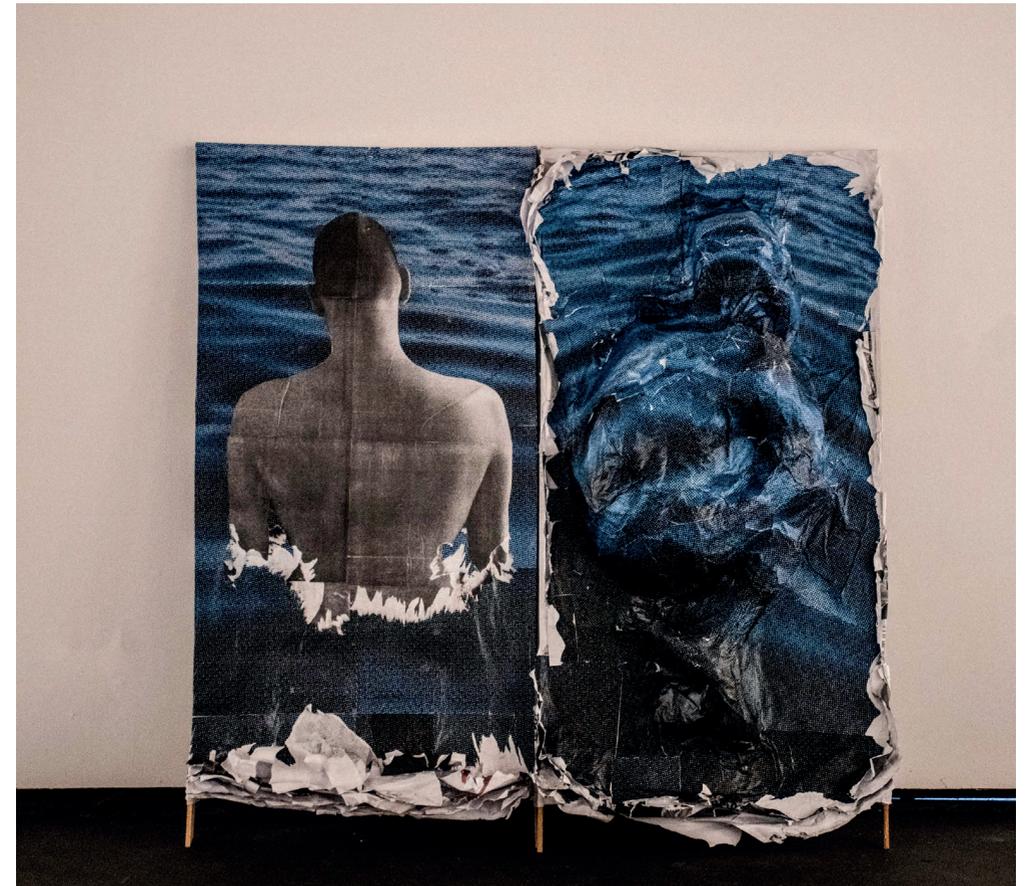
TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

Afogando, 2022

Colagem, sobreposição de imagens, acúmulo de papéis em tela em formato de cavalete
160cm x 80cm

Afogando, 2022

Colagem, sobreposição de imagens, acúmulo de papéis em tela em formato de cavalete
160cm x 80cm



THADEU DIAS

(FORTALEZA, 1989)

Thadeu Dias é artista visual e escreve. Trabalha e vive entre Fortaleza e Rio de Janeiro. Desenvolve processos e obras onde pesquisa paisagem, corpo, memória, sonho. Trabalha poeticamente a noção de geoafetividade, em técnicas e suportes diversos. Participou de exposições, salões e mostras coletivas como: 70º Salão de Abril, e Linha de Costa, no MAC-CE, em 2019; 21ª Unifor Plástica – Corpo Ancestral, em 2021; Abre Alas 17, d'A Gentil Carioca e Se Arar, da Pinacoteca do Ceará, em 2022. Participou do Imersões Poéticas, pela Escola Sem Sítio, e participa atualmente do grupo de acompanhamento Poéticas em Processo, com Efrain Almeida.

“Entrelaçando as instâncias da paisagem, corpo, memória e do sonho, desejo aqui elaborar livremente uma trinca entre pintura de gênero, de natureza morta e de paisagem, em uma única imagem que confunda essa triplice fronteira. A sobreposição destas duas encruzilhadas é o ponto de chegada e partida para o conjunto e cada imagem: estabelecendo território aberto para a especulação de significados, onde haja a fundação espontânea de arquétipos, campo para jogo poético, espaço de festa e de disputa de sentidos. Que o trabalho seja cavalo para as memórias conscientes e inconscientes de cada olhar, manancial de desaguar e receber.”

TRABALHOS DA EXPOSIÇÃO

cavalos para as memórias, 2022

pastel seco s/ tela
80 x 120 cm

o amor que fazíamos nos fundos da casa, 2022

pastel seco s/ tela
100 x 80 cm

paisagem é onde estamos mansos imensos, 2022

pastel seco s/ tela
120 x 150 cm

norte névoa noturna, 2022.

pastel seco s/ tela
100 x 80 cm

lavado pelo morno silêncio e te escuto, 2022

pastel seco s/ tela
100 x 73 cm

cavalos para as memórias, 2022

pastel seco s/ tela
80 x 120 cm

o amor que fazíamos nos fundos da casa, 2022

pastel seco s/ tela
100 x 80 cm

paisagem é onde estamos mansos imensos, 2022

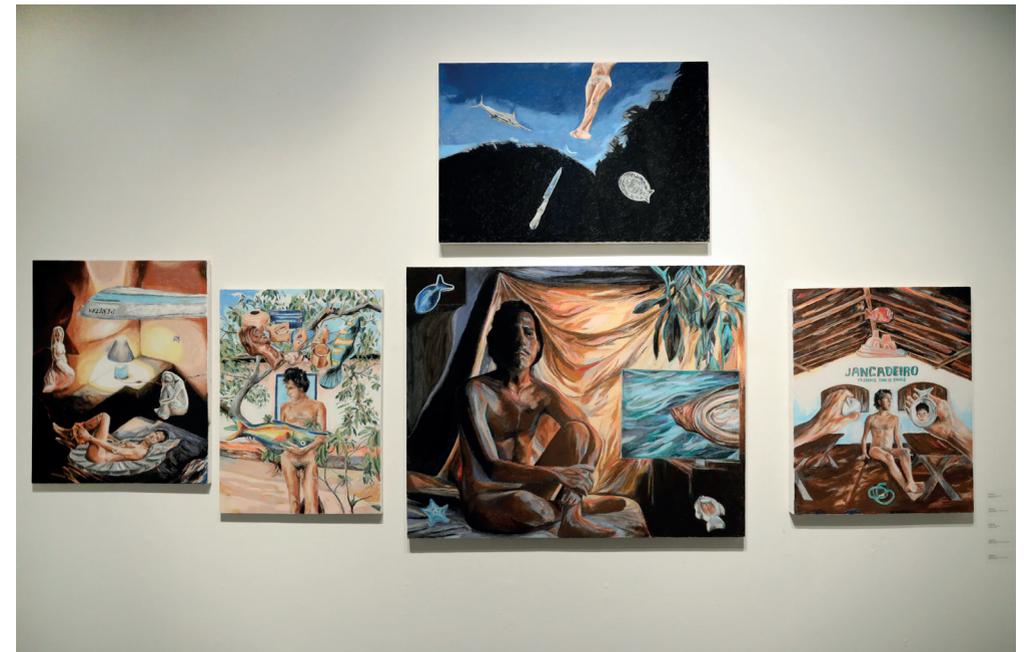
pastel seco s/ tela
120 x 150 cm

norte névoa noturna, 2022.

pastel seco s/ tela
100 x 80 cm

lavado pelo morno silêncio e te escuto, 2022

pastel seco s/ tela
100 x 73 cm



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador do Estado do Rio de Janeiro
Cláudio Castro

Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro
Danielle Christian Ribeiro Barros

ESCOLA DE ARTES VISUAIS PARQUE LAGE

Diretor executivo
Alberto Saraiva

Comissão Curatorial
Adriana Nakamuta
André Sheik
O Bastardo

Conselho de Ensino
Bernardo Magina
Chico Cunha
Cristina Canale
David Cury
Denise Cathilina
Gianguido Bonfanti
Pedro Varela

Coordenadora de Ensino
Giodana Holanda

Assistente de Ensino
Andressa Oliveira

Secretaria de Ensino
Carmen da Costa Souza
Viviane Sampaio

Supervisor do Parquinho Lage
Antonio Amador

Coordenadora do Educativo
Maria Helena Cardoso de Oliveira

Educadoras
Mariana Vilanova
Patrícia Chaves

Coordenador de Comunicação
Lucas Bueno

Designer
Ingrid Pimenta

Coordenador de Produção
Hugo Bianco

Produtores
Renan Lima
José Carlos Silva Teixeira

Gerente de Eventos
Naldo Turi

Bibliotecária
Rubia Luiza

Bibliotecária auxiliar
Juliana Machado

Assessora de Imprensa
Mônica Villela

Gerente Administrativo e Financeiro
Celina Martins

Gerente de Patrimônio e Compras
Fabio Augusto Lopes

Supervisor Financeiro Contábil
Hércules da Costa Souza

Analista de Planejamento Financeiro
Leiliane Silva

Supervisora de Administração e Finanças | Secretária
Camila Oliveira

Analista de Suporte de TI
Talles Moreira Delga

Manutenção Elétrica e Predial
Homero Gomes
Nilton Madeira

Assistentes de Administração
Paulo Neemias
Jadilson Moura

Assistentes de Serviços Gerais
Liliane Simões

Gerentes da Loja Local
Gabriele Sória
Lucas Lage

Equipe da loja Local
Manoela Bencze
Suzanne Mendonça

AMEAV

Presidente
Marcelo Viveiros de Moura

Vice-presidente
Eugênio Pacelli de Oliveira Pires dos Santos

Conselheiros
Alvaro Piquet
Gustavo Martins

Carlos Roberto de Figueiredo Osorio
Luiz Eduardo Lopes Gonçalves

Publicação

Coordenador de comunicação
Lucas Bueno

Design
Ingrid Pimenta

Fotografia
Paulo Barros
Leonardo Ferraz

Revisão de texto
Daniele Lemos

PROGRAMA
DE **FORMAÇÃO**

acessos

Bruno Penedo
Gerson Cassemiro
Joa Assumpção
Juliane Cruz Kimera Moreira
Laís Lima Roberta Holiday
Luana Carvalho Stanley Marvin
Marsel Ramos Tauã Reis
Comportamentay
Ce5ar
Zahra Alencar

acessos

Curadoria

André Sheik

Assistente de Curadoria

Vini Martins

Artistas

Bruno Penedo	Kimera Moreira
Gerson Cassemiro	Roberta Holiday
Joa Assumpção	Stanley Marvin
Juliane Cruz	Tauã Reis
Lais Lima	Comportamentay
Luana Carvalho	Ce5ar
Marcelo Ramos	Zahra Alencar

PROGRAMA FORMAÇÃO 2022

Coordenação pedagógica

Karen Aquini

Assistência de coordenação pedagógica

Izah Santos

acessos

Arte para quê? Arte para quem?

A EAV é principalmente direcionada ao campo das artes visuais, com ênfase em seus aspectos interdisciplinares e transversais. Já havia, nos seus primórdios, em 1975, a intenção de que ela fosse uma escola livre, plural, e, ao longo do tempo, diversas outras iniciativas foram feitas para manter esse pensamento. Desejamos que o meio da arte seja mais plural e acolhedor. Igualmente, lutamos para tal.

A exposição “Acessos” é fruto do Programa de Formação 2022 da EAV, uma imersão de seis meses no campo das artes visuais, por meio de aulas, interlocuções críticas e experimentações em múltiplas linguagens, apresentando elementos das teorias e das histórias da arte interseccionados com outros campos da cultura. O apoio de empresas e de pessoas físicas, por intermédio de leis de incentivo, é fundamental para iniciativas como essa.

Esse programa teve a participação de diversas pessoas atuantes no meio das artes (artistas, curadores, pesquisadores, professores etc.), que estabeleceram trocas com os artistas da turma. Desses processos de vivências, emerge o título-tema que norteou a feitura dos trabalhos da mostra, realizados em diversos meios, e que são, em parte, resultado dessa experiência.



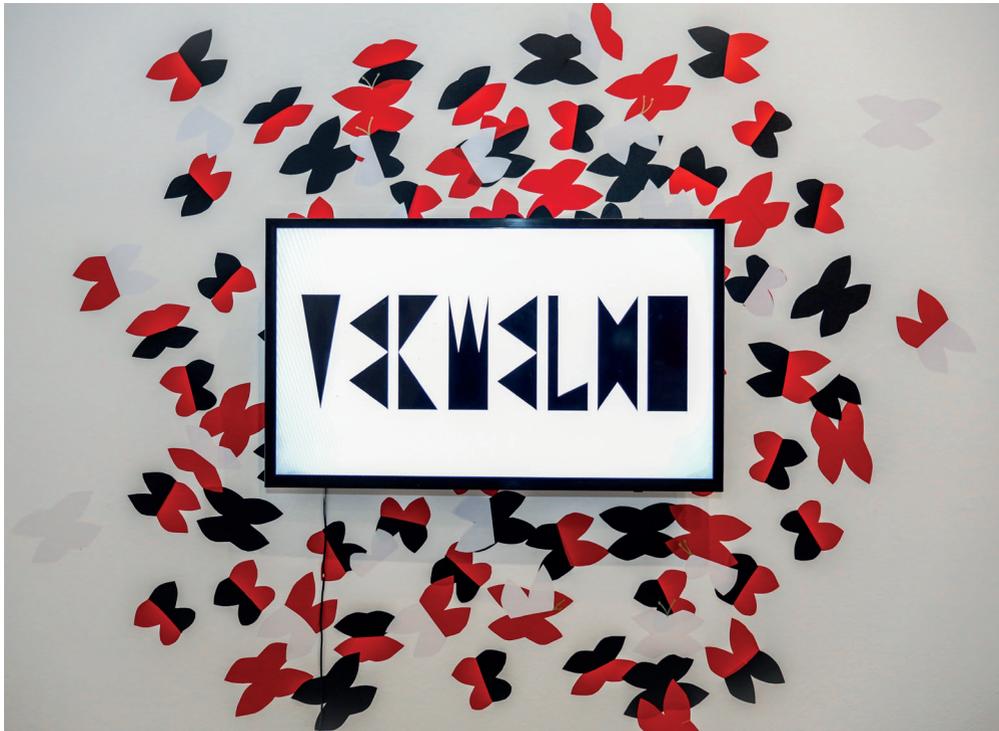
Corpo Memória, 2022
Fotografia Digital
29,7 x 21 cm



Bruno Penedo
(RIO DE JANEIRO, 1991)

Bruno Penedo, Artista Visual, Cineasta e educador. Graduando em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, passando por diferentes formações artísticas como a Escola de Cinema Darcy Ribeiro, Cinema Nosso, Parque Lage e Museu de Arte do Rio. Cria de Senador Camará, na zona oeste do Rio de Janeiro, seu campo de pesquisa gira em torno de questionamentos e possibilidades através da negritude e visualidades, aonde através da própria memória, ancestralidade e do cotidiano pensa narrativas outras sobre si, os seus e os comuns.

“A fotoperformance “Corpo Memória” surge a partir de uma única fotografia de família de meus bisavós, no sul da Bahia. Ela chega a mim por intermédio da minha avó que a guarda com muito carinho e com lembranças. Minha bisavó era do lar costureira e meu bisavô era ex escravizado, vivia na roça. Lidar com essa imagem foi um processo difícil, pois é pensar e repensar em inúmeras possibilidades de narrar essas histórias com outros olhares. É sobre mim, sobre minha história, interrompida pelo genocídio da população negra, é sobre minha ancestralidade. Neste sentido o meu corpo faz memória, com o deles, no presente e no passado num só corpo.”



CE5AR

(RIO DE JANEIRO, 1996)

Nascido na Tijuca, Zona Norte do Rio mas criado em Bangu na Zona Oeste tive o primeiro contato com a artes através dos meus pais que eram envolvidos com o carnaval e o samba. Durante a pandemia voltei a estudar sobre arte e participei de algumas mostras como o “projeto redley garagem”, a mostra digital “mostre a sua Arte” e o projeto Artecorre.

Atualmente sou aluno de artes visuais e um dos fundadores do Projeto SISC RUN onde atuo como produtor cultural.

“Minha pesquisa tem relação com o transitar de corpos negros dentro da arte brasileira, a relação entre esses corpos e os espaços e as tecnologias desenvolvidas pelo negro. A obra intitulada “YAS” nasce de uma inquietação relacionada ao apagamento do artista negro ao longo da história da arte brasileira, a política do embranquecimento, a romantização da miscigenação e tem como referência o misticismo relacionado ao Orixá Iansã cultuado pelas religiões afro-brasileiras. “Tudo que precisamos já está aqui, graças ao sangue jorrado dos nossos, se organizar direitinho a gente vence”.”

"Mil desertos hão de habitar-me e por fim, tornar-me-ei pedra" 2022

Fotografia híbrida com intervenção em linha encerada e lascas de parede descascadas

100x100cm



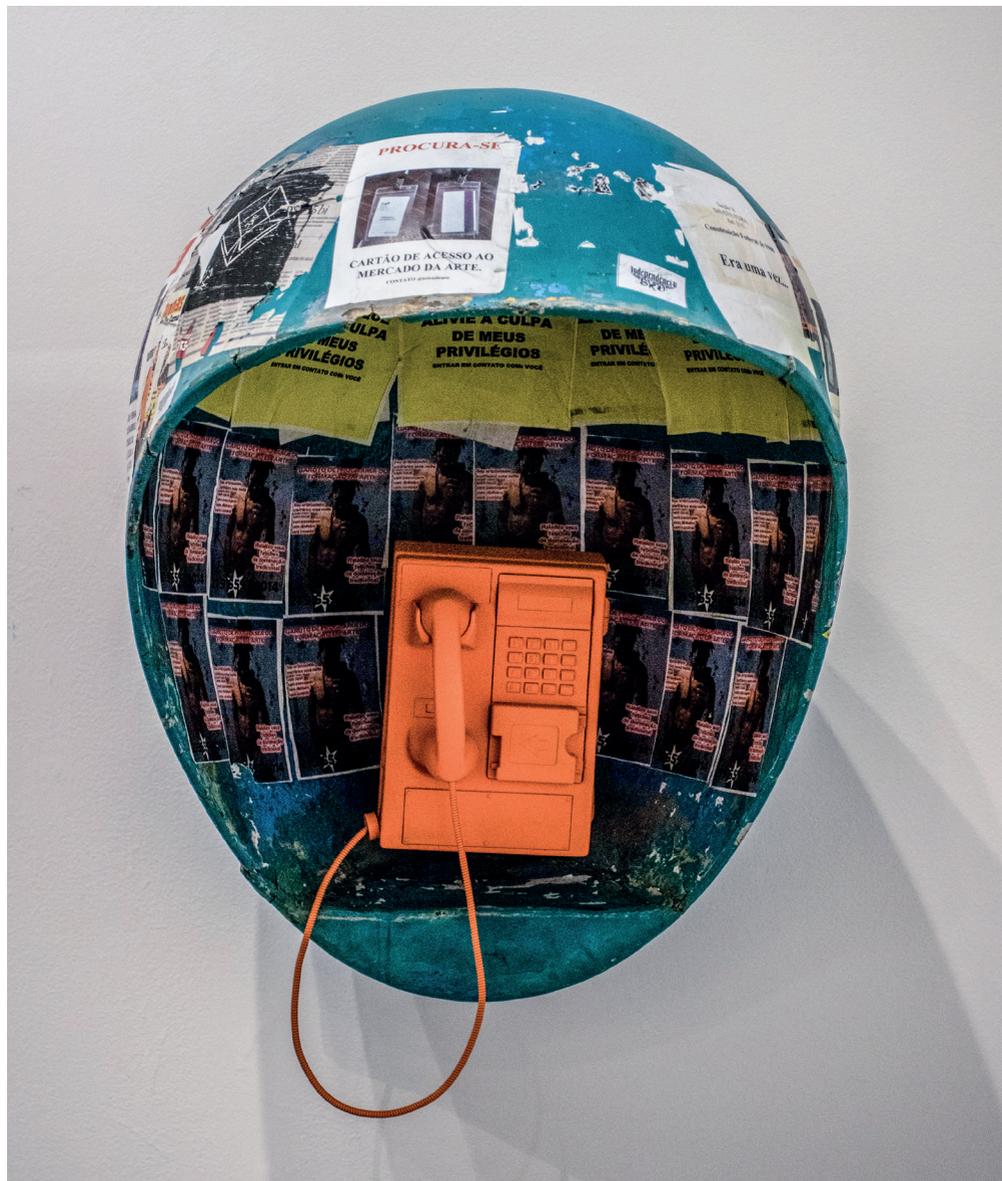
COMPORTAMENTAY

(RIO DE JANEIRO, 1992)

Tayná Alcantara a.k.a Comportamentay, é carioca e mudou-se para a periferia de São Gonçalo na infância. Graduiu-se em Fotografia em 2014 apresentando a série: "Multiversos". Foi bolsista no ciclo básico de 2013 no Parque Lage. Interrompeu seus projetos de 2015 até 2020, quando pôde retomar sua pesquisa artística sobre o comportamento humano, participando de diversas residências e exposições coletivas. Trabalha com o Caos e o Sonho, a psique e temas tabu para sociedade como transtornos mentais, doenças crônicas, vida e morte e política.

"A obra "Mil desertos hão de habitar-me e então, tornar-me-ei pedra", metaforiza a dor acumulada do dia a dia durante toda uma vida que é submetida à falta de acessos como saúde, bem-estar e rede de apoio. É uma tábua de ritual que põe em cheque o que não se quer mais ter de suportar e conjurar proteções para manter-se são nesse mundo adoecido. Utilizo a fotografia expandida e suas possibilidades com o hibridismo (fotografia e elementos físicos) e fotomontagens digitais para criar mundos sombrios, e sonhadores. Me encanta traduzir emoções e comportamentos das pessoas e gerar identificação para que elas saibam que não estão sozinhas por aqui."

Orelhada, 2020
Diversas técnicas
60 cm x 70 cm x 1,20 m



GERSON CASSEIRO

(RIO DE JANEIRO, 1996)

Cria da baixada fluminense, meu meio de produção passa por diversos materiais. Há mais de 5 anos, desenvolvo minhas técnicas e linguagem poética. Em minha produção procuro sempre fugir do olhar estereotipado na busca da essência de nossos costumes e sentimentos coletivos, estou cursando filosofia na UFRRJ e participo de um grupo de pesquisa, onde estudo o surrealismo negro. Sou morador da Chatuba em Mesquita, adoro andar pela favela e observar o cotidiano, uso essas paisagens como inspiração nas minhas obras através disso espero conseguir gerar algum tipo de impacto no mundo, Minhas práticas envolvem a poesia, pintura, instalação etc.

“Quem escolhe, quem pode ou não comunicar algo? Quem tem acesso a arte e cultura? Pensando nessas questões surgiu esta obra intitulada “orelhadas”. Uma instalação feita a partir de um telefone público. Essa obra consiste em uma metáfora, que brinca com palavras e seus significados, com expectativas e a quebra delas, com esporros e orelhadas (puxões de orelhas) destinadas não só as instituições que estruturam a indústria cultural, mas também a parte do público responsável por manter a elitização dos espaços museológicos e escolas de artes.”

"Gerúndio" da série **Minha Kalunga Travesti**, 2022

Diversas técnicas

100 cm x 150 cm



JOA ASSUMPÇÃO

(RIO DE JANEIRO, 1991)

Me chamo Joa Assumpção, sou Artista da palavra, do corpo, nas Danças Afro, diaspóricas, negras, contemporâneas e dentro desses estudos fundamentos nas Danças Populares Brasileiras e seus movimentos, transmutações. Penso minha corpa como memória e caminho, direciono um olhar ao passado e me vejo em tempos presentes em direção prum afrofuturo abundante em criatividade. Pedagoga formada pela UFF, então danço, sonho com liberdade a ação ancestral, o movimento da kalunga, a cura. Artista Educadora com projeto de Danças Afro Xica Manicongo; Resenhando Direções de movimento e Assistência de produção em projetos culturais e de estratégias políticas.

"Gerúndio" pois sonhei ela muito maior, mas ainda se reproduz processos educativos pseudossociais que são pra manutenção das estruturas do status quo neoliberal. Que outras continuem a constranger a branquitude com beleza! Fiz minha parte, essa do desejo da série "Minha Kalunga Travesti". Acessos a portais do contratempo, dimensões do entre. A saia costurada junta da artista Suel Biette e a instalação como possibilidade de desobstruir rachaduras no espaço tempo, cortejos, andanças ancestrais. Essas que em suas feminilidades construídas em guerras e autoamor coletivo, a hegemonia pensou que estavam mortas esquecidas, mas fazem a gira girar."

Tem coisas que eu só sei dizer dançando, 2022

Video performance



JULIANE CRUZ

(RIO DE JANEIRO, 1996)

Atriz, performer e poeta. Nascida no Rio de Janeiro (1996), adentrou no universo das artes através do teatro, formada pela Escola de Teatro Martins Penna e atualmente cursando a Escola Sesc de Artes Dramáticas. Integra a Confraria do Impossível com a qual realizou o espetáculo Esperança na Revolta, vencedor do 31º Prêmio Shell de Teatro RJ na categoria de melhor direção.

“Como um corpo que percorre a cidade me proponho a investigar as relações através do movimento. Intervir no espaço como uma forma de comunicação entre os tempos. Investigar a presença como forma de dialogar, lembrar, reivindicar a memória, apagamentos e transformações que a cidade vem sofrendo. Minha pesquisa parte do meu lugar, nas inquietações de ser um corpo preto em diáspora no Brasil, precisamente no Rio de Janeiro. “Tem coisas que eu só sei dizer dançando” é uma série de vídeo performances em que percorro territórios de memória ancestral. É ritualizar a terra, dançar meu banzo.”

Quero falar de amor, 2022

bordado em tecido

100cm x120cm



KIMERA MOREIRA

(RIO DE JANEIRO, 1996)

kimera moreira, 1996, travesti, artista visual e artesã, cria da comunidade do sapo em senador camará, zona oeste do rio de janeiro, e graduanda em artes visuais na universidade do estado do rio de janeiro – uerj. por meio de desenhos, pinturas e instalações, investiga os seus sentimentos, cria estratégias e possibilidades para a sua existência, aborda a relação entre o seu corpo e o transitar na sociedade, nas consequências que isso gera e na importância de estar em movimento.

“só quero falar de amor a partir de agora. tô cansada dessa cultura de achar que travestis não são amadas, que não temos família e amigos. somos amadas e amamos sim! é preciso cultivar o amor para as nossas. cultivar para que a gente comece a receber cada vez mais amor.”

FRESTA, 2020
Mídia mista sobre tela
70cm x 210cm



LAÍS LIMA

(Rio de Janeiro, 1998)

Laís Lima é formada pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage e arquiteta e urbanista pela ESDI/UERJ. Investiga as relações entre arte contemporânea e o espaço urbano, especialmente as manifestações culturais populares. Atualmente, desenvolve o projeto Poéticas da Cidade: Petrópolis Imperial, uma cartografia poética que busca revelar a cidade de Petrópolis para além da imagem mercantilizada ligada ao império e ao eurocêntrico, revelando as margens da cidade e suas manifestações culturais próprias. A cartografia estará em exposição no Centro de Cultura Raul de Leoni em 2023, acompanhe o projeto em: @descentralidade no instagram.

“FRESTA permeia os sentidos simbólicos e físicos do acesso. A obra traz a figura de uma porta do palacete da Escola de Artes Visuais do Parque Lage em duas versões: aberta e fechada. As duas versões do mesmo objeto se sobrepõem através da opacidade permitindo interpretações poéticas. Entre as duas versões do objeto está a fresta criada a partir do rasgo na figura da porta fechada. Além da colagem, a composição dessa mídia mista recebe ainda intervenções em pintura que expressam e representam a experiência da autora durante o curso de Formação em Artes Visuais no Parque Lage.”

Ancestral infinito, 2020

Poemacolagem em fotografia

Foto, vidro, poesia em papel aplicada em durex

Duas imagens A3 (42x29), 3 imagens A5 (14x21)



LUANA CARVALHO

(RIO BONITO, 1998)

Luana Carvalho, mais conhecida como Lua, é uma artista multidisciplinar da cidade de Rio Bonito. Seu principal trabalho se caracteriza pela junção do visual com a poesia, tendo a colagem como extensão da palavra. Nesse processo, é perceptível o diálogo de temáticas que fluem do seu íntimo e vivência ganhando forma através do uso de distintas ferramentas, manuseadas pela artista de forma inteiramente manual e autoral.

"A conexão com o passado existe independente de qualquer vontade. Eu sou resultado de milhares de acontecimentos e pessoas que estão incorporadas em minhas células. De cada alimento que alimentou minha avó, da temperatura e da umidade que tocou a pele da minha tia, dos erros e acertos da minha mãe, dos povos que se juntaram, dos que nasceram e morreram antes.

Nos reconectamos com a memória do passado por meio de alma, que jamais morre e cuja memória jamais se apaga. Meu trabalho resgata e expressa os reflexos dessa memória, transformando minhas escolhas, medos, sonhos, impulsos, crença e inspirações em arte e poesia."

Não-aceessos, 2022

Papel fotográfico

75cmX40cm



MARSEL RAMOS

(RIO DE JANEIRO, 1998)

Meu nome é Marsel Ramos, tenho 24 anos sou uma artista não-binária residente do bairro do Engenho de Dentro, zona norte do Rio de Janeiro e sou uma multi-artista migrante entre diversas áreas das artes visuais (fotografia, pintura, desenho) e da moda (modelagem, costura, styling, direção criativa).

"Minha pesquisa num geral gira em torno do urbano, do coletivo e principalmente do povo num geral. Não-aceessos é uma obra feita para escancarar o que eu e grande parte do meu povo somos obrigados a passar dentro do transporte público somente para conseguirmos realizar ações cotidianas como por exemplo ir trabalhar, estudar ou simplesmente se locomover pela cidade seja pelo motivo que for, uma violência velada e exclusão muito bem selecionada na base da cor e do cep."

atravessamento, 2022

Tinta acrílica, tecido e aplicação em búzios sobre tela
50cmx40cm



ROBERTA HOLIDAY

(RIO DE JANEIRO, 1987)

Roberta Holiday, (1987) é natural de São João de Meriti, mas atualmente é moradora de Belford Roxo na Baixada Fluminense. Artista visual autodidata, sendo bolsista pela turma do Programa de Formação EAV Parque Lage. Na pesquisa artística tem como base as experiências de mulheres negras e o território urbano. Através das mesclas de técnicas com tintas acrílicas, látex e pigmentos deseja contar histórias para os espectadores de corpos em Diáspora em telas de algodão.

“Minha arte expressa a superação dos meus próprios desafios como mulher negra vivendo em Sociedade. Cada obra busca me humanizar, liberando as amarras que são atadas ao longos dos anos e um processo de redescobrir a beleza em coisas e situações simples. É isso, que desejo mostrar com a minha arte. As cores são as minhas principais aliadas na hora de compor um clima.”

“atravessamentos” - liberdade, independência, medos, expectativas, estranhamentos, e o autoconhecimento, “Que vão deixando várias marcas tanto na vida quanto no corpo, pretendo mostrar essa minha relação pela passagem entre as cidades.”

Entre trilhos e mares, 2022

Técnica mista

180cm x 120cm



STANLEY MARVIN

(RIO DE JANEIRO, 1992)

Nascido em Marechal Hermes no Rio de Janeiro construiu sua trajetória pela zona norte e baixada fluminense, trazendo toda essa vivência de rua, do cotidiano, mas a memória familiar nordestina que compõe toda sua família. Formado na Escola de Artes Visuais do Parque Lage possui também formações e trabalhos em cinema e fotografia. Participou de exposições em artes visuais, festivais nacionais e internacionais de cinema entre o período de 2020 e 2023. Possui em seu olhar, a crítica para tensionar os paradigmas da sociedade mas também sutileza e afeto para abraçar pautas delicadas de nosso cotidiano, trazendo arte e política como voz.

"Meu processo artístico vem com a junção da observação com o sentimento de amor, desejo por mudança, constatação do cotidiano e sua cultura, pela busca de romper silêncios flutuando entre a arte, a política e toda a construção e desconstrução que move a nossa sociedade. Durante a obra "Entre Trilhos e Mares", o meu desejo era trazer parte da construção do que chamamos de nação e de como ela se formou, mas que não está em nossa bandeira, muitos menos em nosso discurso como sociedade."

Anda-te, Cruzados pela Gira I, 2022

Solda em tubo de ferro, argila, amarração em cipó

Dimensão variada



TAUÁ REIS

(NITERÓI, 1997)

Tauá Reis, 1997. Nasceu em São Paulo. Vive em Niterói-RJ. É artista visual e plástico, editor de vídeos e padeiro. Utiliza-se no seu trabalho a memória e a intuição como força de criação. Busca por códigos temporais outros. Impulsiona sua pesquisa contra-colonial através de desobedientes [de]formações, movimentos, caminhos, transfigurações e transmutações. Vê na arte a possibilidade de cura e [des] construção de imaginários. Apresentando trabalhos até o presente momento que percorrem vídeo-artes, gravuras, desenhos e instalações tridimensionais. Perpassou por Lux Espaço de Arte, Estratégias Narrativas, Projeto Cozinha&Voz, entre outros.

“Anda-te! Cruzados pela gira I” Quais são os cruzamentos-caminhos que escolhemos seguir neste tempo? Esta obra parte do desejo em fabular e materializar tridimensionalmente os códigos temporais trazidos pela cosmologia bantu-kongo emaranhadas em minhas intenções imagéticas. Coloco no mundo um grande código estrutural entre o ferro, o barro e cipós de mangueira cruzados em uma grande gira no tempo espiralar. Na multiplicidade de direções, com avanços e recuos, idas e vindas, dentro de um tempo que se repete e se reapresenta a nós em ciclos de transmutação de vida. O tempo nos permite transfigurar a cada amanhecer e se pôr do sol, intervindo no mundo para a criação de novas possibilidades. Eis aqui o meu feitiço, lançado em flechas de direções outras numa grande encruzilhada.

Quanto vale o que custa, 2022

Telas em papel reciclado, feitas a partir de recibos da bolsa EAV, com sobreposição de palavras, navalhas e folha de ouro.

navalha: 42x33

pacto: 42x32,5

folha de ouro: 42,5x32 em posição vertical.



ZAHRA ALENCAR

(FORTALEZA, 1985)

Zahra Alencar, nasceu em Fortaleza-CE, é artista visual não binário e cabeleireiro. Atualmente reside em São Paulo - SP (desde 2012). Compõe o Coletivo Cabeças (SP) desde 2017. Casa de cultura não normativa, que aponta beleza como arma de opressão. Compõe também o Coletivo Universidad Desconocida (BR), um coletivo anônimo anti-disciplinar de resgate, discussão e criação de epistemologias que propõe curto-circuitar as normas. Já integrou residências na Suíça, Madrid, Bahia e São Paulo.

“Zahra Alencar usa além de cabelos e cabeças, seu corpo racializado como instrumento político.

Numa óptica de redistribuição da violência e da organização da raiva. Elu se serve principalmente do deboche para apontar incoerências.”

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador do Estado do Rio de Janeiro
Cláudio Castro

Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro
Danielle Christian Ribeiro Barros

ESCOLA DE ARTES VISUAIS PARQUE LAGE

Diretor executivo
Alberto Saraiva

Comissão Curatorial
Adriana Nakamura
André Sheik
O Bastardo

Conselho de Ensino
Bernardo Magina
Chico Cunha
Cristina Canale
David Cury
Denise Cathilina
Gianguido Bonfanti
Pedro Varela

Coordenadora de Ensino
Giodana Holanda

Assistente de Ensino
Andressa Oliveira

Secretaria de Ensino
Carmen da Costa Souza
Viviane Sampaio

Supervisor do Parquinho Lage
Antonio Amador

Coordenadora do Educativo
Maria Helena Cardoso de Oliveira

Educadoras
Mariana Vilanova
Patrícia Chaves

Coordenador de Comunicação
Lucas Bueno

Designer
Ingrid Pimenta

Coordenador de Produção
Hugo Bianco

Produtores
Renan Lima
José Carlos Silva Teixeira

Gerente de Eventos
Naldo Turi

Biblioteca
Rubia Luiza

Biblioteca auxiliar
Juliana Machado

Assessora de Imprensa
Mônica Villela

Gerente Administrativo e Financeiro
Celina Martins

Gerente de Patrimônio e Compras
Fabio Augusto Lopes

Supervisor Financeiro Contábil
Hércules da Costa Souza

Analista de Planejamento Financeiro
Leiliane Silva

Supervisora de Administração e Finanças | Secretaria
Camila Oliveira

Analista de Suporte de TI
Talles Moreira Delga

Manutenção Elétrica e Predial
Homero Gomes
Nilton Madeira

Assistentes de Administração
Paulo Neemias
Jadilson Moura

Assistentes de Serviços Gerais
Liliane Simões

Gerentes da Loja Local
Gabriele Sória
Lucas Lage

Equipe da Loja Local
Manoela Bencze
Suzanne Mendonça

AMEAV

Presidente
Marcelo Viveiros de Moura

Vice-presidente
Eugênio Pacelli de Oliveira Pires dos Santos

Conselheiros
Alvaro Piquet
Gustavo Martins

Carlos Roberto de Figueiredo Osorio
Luiz Eduardo Lopes Gonçalves

Publicação

Coordenador de Comunicação
Lucas Bueno

Design Livreto
Ingrid Pimenta

Fotografia
Paulo Barros
Leonardo Ferraz

Revisão de texto
Daniele Lemos



PATROCÍNIO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

